

RELATOS OCIDENTAIS SOBRE OS KHANATOS MONGÓIS: PIAN DI CARPINE E RUBRUCK (SÉCULO XIII)

REPORTS ON THE WESTERN MONGOL KHANATES: PIAN DI CARPINI AND RUBRUCK (13TH CENTURY)

Carmen Lícia Palazzo¹

Centro Universitário de Brasília – Universidade de Brasília

Resumo: No século XIII, muitos viajantes europeus estiveram na Ásia percorrendo caminhos que, bem mais adiante, a partir do século XIX, ficariam conhecidos como Rota da Seda. Nenhum deles, porém, deixou relatos tão significativos quanto os de Giovanni di Pian di Carpine e Guilherme de Rubruck. Ambos partiram em épocas diferentes (1245 e 1253, respectivamente) com o objetivo de contatar os mongóis para melhor conhecer a ameaça que poderiam representar para a Europa e também para avaliar uma eventual possibilidade de encontrar, entre os khans, cristãos convertidos que pudessem tornar-se aliados dos europeus contra os muçulmanos. Pian di Carpine foi enviado pelo Papa Gregório IV, enquanto Rubruck tinha como patrono Luís IX. Os dois deixaram obras diferenciadas, mas fundamentais para que os povos das estepes se tornassem mais conhecidos de uma Europa que naquele momento já estendia seus olhares para fora de si mesma.

Palavras-chave: Relatos de viagem. Khanatos mongóis. Cristãos do Oriente.

Abstract: In the 13th century many European travelers went to Asia, over routes that were much later, in the 19th century, to be called the Silk Road. None of them, however, left as significant records as Giovanni di Pian di Carpine's and William of Rubruck's. They set out eight years apart from each other (1245 and 1253, respectively), with the intent of contacting the Mongols and better knowing the threat they might represent to Europe. They also sought to find among the Mongol Khans converted Christians likely to become allies of Europe against the Muslims. Pian di Carpine was sent by Pope Gregory IV, whereas Rubruck was sponsored by Louis IX. Both left unique and crucial works in the task of making the Steppe peoples better known to a Europe which, at that time, was already looking beyond its confines.

Key words: Travel journals. Mongol khanates. Eastern Christians.

Artigo recebido em: 05/11/2011
Artigo aprovado em: 22/02/2012

¹ E-mail: carmenlicia@yahoo.com

Introdução

No início do século XIII, os europeus começaram a se preocupar com uma ameaça vinda de terras distantes, não totalmente desconhecidas, mas envoltas em névoa de informações desencontradas. Já era sabido que tribos mongóis das estepes asiáticas estavam em expansão, invadindo territórios a sua volta, grande parte deles povoados por grupos de etnia turca. Em 1224, a rainha da Geórgia alertou o papado de que o perigo se alastrava para bem mais longe. Não obteve, porém, nenhuma resposta efetiva que demonstrasse interesse em um envolvimento da Igreja nos conflitos.² Mais adiante, entre 1238 e 1241, sob ordens do Grande Khan Ögödei, foram realizados repetidos ataques no leste europeu, principalmente na Ucrânia, Rússia, Polônia e Hungria.³ O rei húngaro, Bela IV, apelou diretamente ao Papa Gregório IV e ao imperador Frederico II para que socorressem tanto sua população quanto suas tropas, que estavam sendo dizimadas. Não recebeu, porém, qualquer tipo de ajuda, pois naquele momento a crise entre o império e o papado encontrava-se em uma de suas fases mais críticas.

Mercadores e missionários eram também portadores de notícias alarmantes, mas em parte amenizadas pelos comentários sobre a possível existência de um soberano cristão no Oriente, disposto a juntar suas forças com as da cristandade ocidental para combater os muçulmanos, essa sim uma das preocupações mais imediatas dos europeus. Nas primeiras décadas do século XIII, circulavam histórias adaptadas de antigos relatos sobre o Preste João, provavelmente originadas nos meios nestorianos, ao longo de uma rede de caminhos que ficaram conhecidos como Rota da Seda.⁴

Nesse contexto de muitas dúvidas e informações de várias procedências, os mongóis eram uma ameaça não muito bem definida, vinda do Leste. Depois da morte de Ögödei⁵, em 1241, foi convocada uma *quriltai*, assembleia para a eleição

² PETECH, Luciano. "Introduzione" in PIAN DI CARPINE, Giovanni. *Storia dei Mongoli*. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 2006, p.27.

³ Para maiores detalhes sobre a história dos mongóis ver MARSHALL, Robert. *Storm from the East: from Genghis Khan to Kublai Khan*. Berkeley: University of California Press, 1993.

⁴ Sobre a Rota da Seda ver FOLTZ, Richard. *Religions of the Silk Road: Overland trade and cultural Exchange from Antiquity to the Fifteenth Century*. New York: St. Martin's Griffin, 2000 e MACEDO, José Rivair (Org.) *Os viajantes medievais da Rota da Seda*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

⁵ Ögödei era filho de Gengis e o sucedeu como Grande Khan. Apesar da convocação da *quriltai*, o próprio Gengis já o havia apontado como seu sucessor.

de seu sucessor, e os chefes militares, responsáveis pelos khanatos regionais que se encontravam em guerras de conquista, foram chamados de volta as suas terras. Batu, um dos khans subordinados a Ögödei, que tinha chefiado as invasões no leste europeu, regressou em 1242 às estepes da Ásia, deixando de ser um perigo imediato para o Ocidente.⁶ É muito provável que tal comportamento tenha aumentado a perplexidade dos europeus ao perceberem o quanto desconheciam o inimigo, principalmente suas prioridades e seus planos de conquista.

Giovanni di Pian di Carpine, embaixador da Santa Sé

No ano de 1244, o papa Inocêncio IV estava em Lyon, fugindo das tropas do imperador Frederico II. A acirrada disputa entre o papado e o império já vinha de longe e Inocêncio, que fora eleito após dois anos nos quais o trono da Santa Sé havia permanecido vago, estava disposto a tomar uma atitude muito dura contra Frederico. Convocou um concílio, que se realizaria em 1245, no qual os principais assuntos a serem tratados eram: a excomunhão do imperador, a organização de uma nova Cruzada, as questões relativas aos cristãos do Oriente, que o Papa desejava trazer de volta para a unidade da Igreja, e também o problema do possível retorno da ameaça mongol e de sua expansão até a parte ocidental da Europa.

Inocêncio confiou, então, ao frade franciscano Giovanni di Pian di Carpine⁷ uma missão diplomática junto aos khanatos visando obter informações detalhadas sobre aqueles que eram também conhecidos pelos europeus como “tártaros”⁸. O enviado era um homem maduro e experiente em muitas viagens através da Europa. Havia sido um dos primeiros discípulos de Francisco de Assis e ministro pro-

⁶ Ver SAUNDERS, J. J. *The History of the Mongol Conquests*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001, para uma elaborada síntese da expansão dos khanatos mongóis.

⁷ Giovanni di Pian di Carpine é citado em vários idiomas, inclusive em português, com seu nome italiano nas variantes di Carpine e del Carpine, entre outras, ou parcialmente traduzido. Adoto aqui o mais utilizado pelo Centro de Estudos Medievais de Spoleto, Giovanni di Pian di Carpine, com o nome latino Iohannes de Plano Carpine para a citação da fonte original.

⁸ A denominação “tártaro” origina-se provavelmente do nome de uma tribo de etnia turca, a dos “tatars”, derrotada por Gengis Khan e incorporada aos mongóis, principalmente ao grupo da Horda de Ouro, na região do Volga. Há várias versões para a adoção desse nome por parte dos europeus para designar os mongóis, inclusive a de que eles teriam feito a associação com a palavra “tartarus” que em grego significa “inferno”. Tal associação, porém, embora presente em alguns autores, não foi confirmada por nenhuma pesquisa.

vincial da Germânia, da Espanha e da Saxônia⁹, destacando-se entre seus companheiros, bastante apto, portanto, à difícil tarefa que lhe tinha sido designada.

Giovanni partiu de Lyon em 1245, como embaixador do papado, e, conforme escreveu na *Historia Mongalorum*, “[...] tendo conhecido verdadeiramente a vontade e a intenção dos mesmos [dos tártaros]” seria mais fácil enfrentá-los.¹⁰ Não estava excluída a possibilidade de convertê-los, mas com o objetivo de convencer o Grande Khan a submeter-se ao Papa Inocêncio IV como um de seus súditos. Uma leitura atenta do relato do franciscano evidencia que a própria submissão teria um caráter mais político do que religioso, já que poderia ser útil para manter os exércitos mongóis longe das terras europeias.

O texto de Pian di Carpine é de excepcional valor histórico e antropológico, fornecendo informações muito detalhadas sobre a vida diária, as crenças e as capacidades militares dos khanatos. Não se trata de um relato de viagem, mas de um verdadeiro tratado sobre os mongóis com ênfase na sua história. Cobre diversos temas, tendo inclusive um capítulo com indicações bastante precisas de como enfrentá-los na guerra¹¹. Apenas o último capítulo da obra detalha o roteiro que foi seguido e os contatos tanto nas cortes do Khan Batu, cujo acampamento ficava na região do Volga, quanto na do Grande Khan Güyük, eleito como sucessor do temido Ögödei, que havia ordenado os ataques à Europa.

Giovanni di Pian di Carpine foi muito atento a todos os detalhes a sua volta, como é possível constatar em sua explicação sobre o uso do alfabeto uigur para a escrita da língua mongol. Referindo-se às conquistas de Gengis Khan, o franciscano escreve:

Gengis preparou-se novamente para o combate e avançou para a guerra contra a terra dos uigures. Estes homens são cristãos e de seita nestoriana, os quais ele venceu na guerra e [os mongóis] adotaram o seu modo de escrita; na verdade antes eles não conheciam a escrita porém agora a chamam de escrita mongol.¹²

⁹ Adam de Salimbene, reconhecido cronista dos franciscanos, referiu-se às qualidades de Giovanni di Pian di Carpine em: SALIMBENE, *Chronica*, Ed. Giuseppe Scalia, Bari: Laterza, 1966, v. I, p. 297.

¹⁰ “(...) scita veraciter voluntate et intentione ipsorum [...]” IOHANNES de Plano Carpine, “*Historia Mongalorum*”, texto latino (ed. Enrico Menestò), In : PIAN DI CARPINE, Giovanni, *op. cit.*, p. 228.

¹¹ *Ibidem*, p. 293-302.

¹² “*Chingis predictus, preparavit se rursus ad prelium et contra terram Huyrorum processit ad bellum. Isti hominis sunt christiani et de secta Nestorianorum erant, quos etiam bello devicit, et eorum litteram acceperunt; nam prius scripturam non habebant, nunc autem eamdem appellant litteram Mongalorum.*” *Ibidem*, p. 255-256.

Efetivamente, tal fato ocorreu após os mongóis terem estendido seus domínios às tribos uigures, uma população sedentária de comerciantes de língua turco-oriental. Na região que posteriormente passou a ser denominada Mongólia, os uigures foram inicialmente conquistados, em 840, pelos quirguizes, também de etnia turca. Uma grande parte da população migrou, então, para Qocho, a poucos quilômetros de Turfan, fundando um novo reino que se manteve até 1250. No decorrer do século XIII, tornaram-se vassallos dos mongóis, em um relacionamento ao qual se adaptaram sem maiores problemas.

O especialista em populações do interior Ásia, Svat Soucek, corrobora a informação de Pian di Carpine:

[...] o povo de Qocho e outras cidades do Xinjiang foram poupados dos horrores da conquista mongol e a classe burocrática do novo império [mongol] foi composta em grande parte por letrados burocratas uigures, *bakhshis* que levaram com eles o sistema de escrita que então se tornou a escrita mongol clássica.¹³

Sobre o nestorianismo, a observação de Giovanni di Pian di Carpine é apenas em parte procedente, pois naquele momento a maioria dos uigures já havia se convertido ao budismo¹⁴, restando entre eles só alguns poucos cristãos. Conhecer o budismo, porém, não estava entre as prioridades do franciscano já que seu grande interesse era o encontro com cristãos do Oriente para observar seus comportamentos e sua adaptação entre os mongóis, sempre com a ideia de encontrar aliados onde fosse possível.

O frade teve realmente contato com vários nestorianos na corte e não apenas com os de etnia uigur. O principal deles, Cingai, a quem chama de “protonotário”, estava a serviço do Grande Khan Güyük e era provavelmente da tribo Ke-reit¹⁵. O franciscano avaliou bem a importância de Cingai e a necessidade de estar em contato com ele para obter as informações das quais necessitava.

¹³ “(...) the people of Qocho and other cities of Sinkiang were spared the horrors of Mongol conquest, and the new empire’s bureaucratic class was in large part composed of Uighur learned bureaucrats, *bakhshis* who brought with them the writing system that then became the classical Mongolian script”. SOUCEK, Svat. *A History of Inner Asia*. Cambridge and N.York: Cambridge University Press, 2000, p. 81.

¹⁴ Antes de nestorianos ou budistas, os uigures já tinham sido maniqueístas. Bem mais adiante se converterão ao Islã. Hoje em dia, são majoritariamente muçulmanos, mas com práticas próprias, próximas do sufismo e mantendo algumas manifestações xamânicas.

¹⁵ Há ampla discussão sobre as origens de Cingai (citado por alguns como Cinqai, ou Qincai), figura de importância na corte de Güyük: RACHEWILTZ, Igor et alii (ed.) *In the Service of the Khan: Eminent Personalities of the Early Mongol-Yüan Period*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1993, p. 101-111.

O nestorianismo é antigo no Extremo Oriente. No território chinês, o atesta a chamada “stela de Xi’an”¹⁶, também conhecida como monumento *syro-sinicus* ou *sinico-chaldeus*, que data do ano de 781 e cuja inscrição está em caracteres chineses com algumas linhas em siríaco.¹⁷ É sabido que os nestorianos foram muito bem recebidos na China durante a dinastia Tang, principalmente entre os anos de 680 e 840. A partir de 845, porém, um édito baniu as religiões “estrangeiras” e os nestorianos migraram para terras vizinhas, buscando, entre outros refúgios, as cortes mongóis conhecidas por sua tolerância com todas as religiosidades.

Giovanni refere-se ao fato de os mongóis adorarem um Deus único. Trata-se de Tengri, sinônimo de Céu, presente no xamanismo de muitos povos das estepes e com destaque tanto entre os mongóis quanto entre as diversas tribos turcas.¹⁸ Um tema recorrente na época era o da possibilidade dos mongóis serem cristãos, o que muitas vezes, no imaginário ocidental, misturava-se aos conhecidos relatos sobre o Preste João. Pian di Carpine escreve sobre o cristianismo do Grande Khan Güyük:

Alguns cristãos que vinham da sua família nos diziam que estavam seguros de que ele havia se tornado cristão. Tinham uma prova evidente no fato de que ele tinha perto de si clérigos cristãos e provia as suas despesas. E, ainda mais, tem sempre na frente da maior de suas tenda maior um coro de cristãos que cantam publicamente na frente de todos e soam as horas canônicas à maneira dos gregos [...] coisa que outros príncipes não fazem.¹⁹

Outro assunto que surge no texto do franciscano é a questão da separação entre os cristãos do Ocidente e os do Oriente. Relatando o caminho que seguiu até a chegada à corte mongol, refere-se a ter passado pela Boêmia, pela Polônia e pela

¹⁶ O referido monumento encontra-se no Beilin Museum na cidade de Xi’an.

¹⁷ Ver RAGUIN, Yves, S.J. “La stèle de Xi’an” in *Le Monde de la Bible*, nº 119, 1999, p. 82-83. Para um estudo sobre as repercussões posteriores da stela de Xi’an entre os missionários ocidentais ver KE-EVAK, Michael. *The Story of a Stele*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2008.

¹⁸ BALDICK, Julian. *Animal and Shaman: Ancient Religions of Central Asia*. Londres: I.B. Tauris & Co. Ltd., 2000, p. 97.

¹⁹ “Dicebant etiam nobis christiani qui errant de familia eius quod credebant firmiter quod deberet fieri christianus, et de hoc habent signum apertum, quoniam ipse tenet clericos christianos et date is expensas; christianorum etiam capellam semper habet ante maius tentorium eius, et cantant publice et aperte, et pulsant ad horas secundum morem Grecorum, [...] quod non faciunt alii duces.” IOHANNES de Plano Carpine, *op. cit.*, p. 327. Observação: o uso grego ao qual di Carpine se refere provavelmente era o da maior parte das Igrejas gregas da época, de bater com um martelo em uma mesa de madeira ou de ferro, para marcar as horas canônicas.

Rússia, onde esteve em contato com o duque Vasilico.²⁰ Na oportunidade, solicitou ao duque a presença do bispo da região, para o qual teria lido uma carta do Papa defendendo a unidade da Igreja.²¹ Como o roteiro de Pian di Carpine tinha sido cuidadosamente traçado, incluindo a passagem por terras dos cristãos ortodoxos, é bastante provável que o assunto da reunificação da cristandade estivesse entre os objetivos de Inocêncio IV ao enviar o religioso como seu embaixador à Ásia, já que este era um dos temas do concílio de Lyon. Múltiplos, então, seriam os encargos do embaixador-franciscano, já que múltiplos também eram os interesses do papado para preservar e expandir seu raio de ação enquanto chefia de uma religião que se pretendia universal.

Logo após sua chegada à corte mongol, o frade assistiu ao que descreve como uma grande festa marcando a sucessão que entronizaria o novo Khan. Töregene, mulher de Ögödei e mãe de Güyük, havia sido regente por um longo tempo, de 1241 até meados de 1246, o que não era incomum nas hordas mongóis. Os especialistas discordam sobre a possibilidade da festa em questão ter sido uma *quiriltai*, assembleia na qual Güyük teria sido eleito ou uma simples comemoração sazonal.²² De qualquer maneira, naquela oportunidade ocorreu um evento relevante, a coroação de Güyük, à qual Pian di Carpine assistiu na companhia de príncipes russos e armênios, entre outros²³. Ele refere-se à presença de mais de quatro mil embaixadores que levaram tributos para o Grande Khan, o que provavelmente é um número exagerado, mas que, mesmo assim, demonstra a importância da comemoração²⁴. Só depois de coroado é que Güyük concordou em receber o franciscano, pedindo uma explicação sobre o objetivo de sua missão e aceitando a carta que o Papa Gregório IV lhe havia enviado.

Ao final da temporada do franciscano na corte, o Khan lhe entregou uma carta destinada ao Papa.²⁵ A missiva, segundo o viajante, foi traduzida para o la-

²⁰ Segundo nota do franciscano, Vasilico seria Vasil'ko Romànovic, duque de Vladímir e Volynia. DAFFINÀ, Paolo. "Note al capitolo XI". In: PIAN DI CARPINE, Giovanni, *op. cit.*, p. 480, nota 5.

²¹ IOHANNES de Plano Carpine, *op. cit.*, p. 304.

²² DAFFINÀ, Paolo. "Note al capitolo IX". In: PIAN DI CARPINE, Giovanni, *op. cit.*, p. 487, nota 49.

²³ IOHANNES de Plano Carpine, *op. cit.*, p. 317-320.

²⁴ *Erant enim ibi plus quam quatuor milia nuntiorum inter illos qui portabant tributa(...). Ibidem*, p. 319.

²⁵ A carta de Güyük encontra-se atualmente no Museu Vaticano, mas pode ser lida na tradução inglesa de J. A. Boyle, no apêndice de RACHEWILTZ, Igor de. *Papal Envoys to the Great Khans*. Londres: Faber & Faber, 1971. Há também uma tradução do persa, realizada por Paul Pelliot, "La Lettre du Grand Khan Güyük à Innocent IV" in *Revue de l'Orient Chrétien*, XXIII, 1922-1923, p. 213-214.

tim e para a língua sarracena (sabe-se que, em muitos pontos da Rota da Seda, e principalmente na corte mongol, língua sarracena significa persa e não árabe.). Na referida carta, há um trecho sobre o erro do papado em considerar que seus seguidores são os únicos e verdadeiros cristãos. Para os especialistas, é bastante provável que essa passagem, uma possível crítica às perseguições a outros cristãos, tenha sido escrita por influência dos nestorianos da corte, principalmente de Cingai, o “protonotário”, que deve ter sido também o autor da tradução latina.²⁶

O franciscano retornou a Lyon em novembro de 1247 sem ter conseguido de Güyük uma resposta positiva sobre suas intenções com relação à paz e ao abandono das pilhagens. No entanto, a *Historia Mongalorum* escrita por ele tornou os mongóis mais conhecidos dos ocidentais, que passaram a ter uma clara ideia do exército inimigo e de suas práticas de guerra. A Europa, no entanto, já não era mais o principal objetivo dos temidos conquistadores das estepes, embora eles ainda tivessem realizado um assalto à Hungria, entre 1254 e 1255 e outro à Polônia, entre 1259 e 1260. Naquela altura, porém, os khans estavam envolvidos em problemas na própria Ásia visando principalmente conquistar o Irã, invadido em 1256, e Bagdá, tomada e saqueada em 1258. E em breve, com os constantes avanços que realizavam na China, estariam a caminho da sedentarização e de um novo estilo de vida e de administração dos povos conquistados.

Guilherme de Rubruck : o relato de um missionário

Entre 1249 e 1251, dois outros viajantes, Ascelino da Cremona e André de Longjumeau, estiveram em contato com os mongóis. Nenhum deles, porém, deixou uma obra do mesmo alcance, profundidade e importância quanto à de Giovanni di Pian de Carpine e a de seu sucessor em visita aos khanatos, Guilherme de Rubruck²⁷.

No ano seguinte ao do retorno de Pian di Carpine à Europa, o rei Luís IX partia do porto de Aigues-Mortes, no sul da França, rumo àquela que ficou conhecida como a Sétima Cruzada. O franciscano Rubruck era um entre os inúmeros re-

²⁶ FOLTZ, Richard, *op. cit.*, p.118.

²⁷ Diversas versões do nome de Rubruck têm sido amplamente utilizadas e entre elas as mais conhecidas são: William of Rubruck, Guillaume de Rubrouck, Willem van Ruysbroeck, Guillaume ou Willelmus de Rubruquis. Utilizo aqui o nome já consagrado para a língua portuguesa, Guilherme de Rubruck, mantendo, nas referências bibliográficas, Guillaume de Rubruquis, o original no texto-fonte que cito.

ligiosos que faziam parte do grande contingente liderado pelo soberano francês. O rei, cuja fé exacerbada o colocava como um paladino da cristandade, há anos perseguia o objetivo de derrotar os muçulmanos na Terra Santa e no norte da África, principalmente no Egito. Para tal, comandou vários ataques entre 1248 e 1250, foi preso e liberado mediante um alto resgate e só retornou à Europa em 1254, sem ter conseguido a pretendida vitória decisiva sobre os “infiéis”. No intuito, porém, de propagar a fé cristã até os confins da Ásia e também de tentar descobrir algo de concreto sobre a ainda tão comentada existência de um monarca cristão entre as tribos das estepes, decidiu enviar, em 1253, Guilherme de Rubruck como seu emissário aos khanatos mongóis. O frade que, assim como o rei, ainda se encontrava no Oriente, partiu de Constantinopla iniciando uma longa aventura que iria durar até 1255.

A viagem de Rubruck não tinha a mesma conotação da que havia sido realizada por Giovanni di Pian di Carpine. Seu relato, que também é rico em informações sobre os usos e costumes dos mongóis, não se detém na história dos povos das estepes, ocupando-se mais longamente de questões relacionadas à religião. O principal motivo dessa mudança de enfoque pode ter sido motivado tanto pela relativa diminuição do interesse mongol em invadir a Europa quanto pelo fato de que Luís IX, patrono da missão de Rubruck, era um intransigente propagandista da fé cristã e buscava, de maneira incessante, aliados na sua permanente luta contra os muçulmanos.

O texto do franciscano enfatiza a jornada, detalhando cuidadosamente toda a viagem. Refere-se à partida de Constantinopla e às etapas iniciais até a região da Criméia. Em seguida, passa a fornecer informações sobre os mongóis, descrevendo as características de suas grandes tendas, sua alimentação e seu dia a dia.²⁸ Seu primeiro contato importante é com o khanato do chefe mongol Sartak, na região da Rússia.

De acordo com um boato que corria entre os europeus, Sartak, que tinha entre seus súditos muitos cristãos de rito oriental, teria ele próprio se convertido ao cristianismo. O franciscano, porém, coloca a informação em dúvida: “Quanto a Sartak, eu não sei dizer em realidade se ele é cristão ou não. O que eu sei bem é

²⁸ RUBRUQUIS, Guillaume de, “Voyage de Guillaume de Rubruquis”. In: RUBRUQUIS, Guillaume de e POLO, Marco. *Voyages en Asie au XIIIème siècle*. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1888, p. 5-143. Introdução e notas de Eugène Muller.

que ele não quer ser chamado cristão, e me parece que ele zomba dos cristãos e os despreza”²⁹.

Ainda que o chefe mongol não fosse cristão, Rubruck se mostra mais incomodado com fato de não ter recebido o apoio que esperava de Sartak. Seu khanato era uma parada obrigatória no ritual de enviar os viajantes de um khan de menor importância a outro superior, até chegar ao Grande Khan, se este fosse o objetivo da viagem. Rubruck escreve: “Nos quatro dias em que permanecemos na corte de Sartak, não recebemos nenhum mantimento de comer ou beber, a não ser uma única vez, quando nos deram um pouco de *kumis*”³⁰.

Do acampamento de Sartak a comitiva é enviada a seu pai Batu, chefe de outro khanato que ficou conhecido no Ocidente como a Horda de Ouro, e que também havia sido visitado por Pian di Carpine. Só depois de prestar homenagens a Batu é que o franciscano é encaminhado ao Grande Khan Möngke, chamado por ele de Mangu-Khan, que havia sucedido Güyük.

É importante destacar que os viajantes oficiais, portadores de cartas da realeza ou do papado, eram sempre tratados como embaixadores do Ocidente no Oriente. Ainda que muitas vezes existissem, nas missivas trocadas, ameaças de ambos os lados, o status diplomático era mantido e raramente havia temor pela integridade física das pessoas.

Os mongóis, com sua política expansionista e com a característica nômade de vários khanatos vinculados a um centro principal, agregavam súditos de diversas etnias e religiões que normalmente se integravam bem aos grupos dos quais faziam parte. Os khans recebiam também mercadores e peregrinos que circulavam através da Rota da Seda, especialmente nos séculos XIII e XIV, período que ficou conhecido como o da *Pax Mongolica*, na qual foi implantada uma eficaz organização administrativa em quase toda a Ásia Central. Artesãos chineses e secretários-escritas, em geral nestorianos, como Giovanni di Pian di Carpine já havia observado, eram reconhecidos como os melhores funcionários das cortes e seus serviços sempre foram muito requisitados pela elite mongol.

²⁹ “Pour ce qui est de Sartach, je ne saurais réelement dire s’il est Chrétien ou non. Ce que je sais bien, c’est qu’il ne veut pas être appelé Chrétien, et il me semble bien q’il se moque des chrétiens et qu’il les méprise.” *Ibidem*, p. 61.

³⁰ “Les quatre jours que nous demeurâmes en la cour de Sartach, nous n’eûmes aucune provision de manger ni de boire, sinon une seule fois, qu’on nous donna un peu de koumis.” *Ibidem*, p. 62. Koumis é uma bebida fermentada feita de leite de égua, ainda hoje apreciada na Mongólia. Dependendo da região é também feita do leite da fêmea do camelo. Em algumas fontes e em outros textos da época é chamada de *comos* ou *cosmos*.

Guilherme de Rubruck descreve detalhadamente sua chegada ao grande khanato de Möngke, o chefe supremo, relatando que outros embaixadores também estavam hospedados no alojamento esperando ser recebidos pelo Grande Khan. Refere-se ao fato de ter encontrado, assim que começou a andar pelo acampamento, uma capela decorada com imagens bordadas de Cristo, de Maria e de S. João Batista. É nessa capela que conhece um monge armênio, Sergius, com o qual irá se alojar.³¹

Durante toda a estadia na corte, mantém estreito contato com os cristãos ortodoxos e nestorianos. Sobre os nestorianos, escreve que eles “[...] não sabem nada, recitam bem os ofícios e possuem os livros sagrados em siríaco, mas não os entendem [...] são todos corruptos e maus e sobretudo usurários e bêbados”.³² Em todo o seu relato, o franciscano demonstra ter menos tolerância com os nestorianos do que com os budistas, que em geral chama de “idólatras” mas que não chega a criticar com muita aspereza. Sem dúvida pesava em seu julgamento o fato de que a Igreja romana havia acusado os nestorianos de heresia, mas, naquele momento, não só era preciso conviver com eles como também ser identificado como pertencente ao mesmo grupo religioso, o dos cristãos na corte mongol.

Na descrição que faz dos budistas, que às vezes também denomina de “padres chineses”, destaca que eles “usam grandes chapéus ou barretes amarelos” e teria ouvido dizer que alguns são “eremitas ou anacoretas que vivem nas florestas e nas montanhas, levando uma vida muito surpreendente e austera”.³³ Os monges budistas de gorro amarelo são certamente os de linhagem *gelugpa* lamaísta, originários do Tibete, mas que fizeram muitas conversões na Mongólia e mesmo na China. Ainda hoje, o budismo da Mongólia é de linhagem lamaísta.

O fantástico, tão presente em grande parte dos relatos medievais, faz também uma breve aparição no texto de Rubruck, com uma informação que lhe tinha sido fornecida por um “padre de Cathay [China]”. O franciscano teria perguntado ao referido “padre” de onde vinha a bela tintura vermelha de sua roupa, ao que ele respondera com uma estranha história, contando que em alguma parte ao leste da China viviam criaturas semelhantes aos homens mas que andavam aos pulos,

³¹ *Ibidem*, p. 87.

³² “[...] ne savent rien du tout ; ils disent bien le service et ont les livres sacrés en langue syriaque, mais ils n’y entendent chose quelconque [...] ils sont tous corrompus et méchants, surtout fort usuriers et ivrognes.” *Ibidem*, p. 81.

³³ “[...] portent de grands chapeaux ou coqueluchons jaunes [...] certains ermites ou anachorètes qui vivent dans les forêts et les montagnes, menant une vie très surprenante et austère.” *loc. cit.*

possuíam joelhos sem articulação e eram cobertos de pelos. Caçadores na região deixavam para esses seres estranhos uma bebida “forte e embriagante” que eles tomavam, adormecendo em seguida. Os caçadores, então: “[...]amarravam-lhes os pés e as mãos juntos e tiravam três ou quatro gotas de sangue abaixo da garganta, depois os deixavam ir. É deste sangue que ele me disse que tingiam este escarlata ou púrpura tão preciosa³⁴.”

É difícil avaliar se o chinês havia realmente contado essa história ou se Rubruck a incluiu no seu relato para torná-lo mais atraente e de acordo com o gosto da época. Ambas as hipóteses são possíveis já que, como bem colocou Jean Verdon, “encontrar coisas extraordinárias se constitui em um dos charmes da viagem [...]Esse gosto pelo estranho é tão difundido no Oriente quanto no Ocidente”³⁵. E, de certa forma, a história se destaca do conjunto do texto, que é fortemente ancorado na vida diária dos mongóis, com uma considerável ênfase nas atividades dos cristãos da corte.

Referindo-se em várias passagens ao monge armênio Sergius, pelo qual não demonstrava grande simpatia, Rubruck o critica duramente pelo fato de que pretendia converter Möngke ao cristianismo através de uma falsa promessa, assegurando ao Grande Khan que, se ele aceitasse o batismo e se tornasse cristão, tanto o rei da França quanto o Papa se tornariam seus súditos. Tal afirmação escandalizava o franciscano, mas, de qualquer maneira, Möngke não se interessará, em nenhum momento, pela conversão.

A religiosidade mongol era xamânica e os xamãs, que Rubruck chama de “adivinhos”, recebiam a preferência da corte, morando em tendas muito próximas à do Grande Khan, sendo chamados constantemente tanto para casos de doenças como para fazer previsões diversas, inclusive de datas de batalhas. Já os representantes de outras religiões, fossem eles cristãos, muçulmanos ou budistas, também exerciam funções oficiais, pois os mongóis eram extremamente pragmáticos e procuravam se beneficiar de orações, poções e rituais mágicos de diversas origens.

Möngke costumava comemorar as datas festivas das diversas religiões de seus súditos e recebia as bênçãos ministradas por xamãs, nestorianos, cristãos lati-

³⁴ “[...] les attachaient pieds et mains ensemble, leur tirant trois ou quatre gouttes de sang de dessous la gorge, puis les laissaient aller: C’est de ce sang-là dont il me dit qu’ils teignaient cette écarlate ou pourpre si précieuse.” *Ibidem*, p.108-109.

³⁵ “[...] trouver des choses extraordinaires constitue l’un des charmes du voyage [...] Ce goût de l’étrange est aussi répandu en Orient qu’en Occident.” VERDON, Jean. *Voyager au Moyen Age*. Paris: Perrin, 1998, p. 331.

nos, armênios, ortodoxos, muçulmanos e budistas. Rubruck relata o fato de ter sido chamado para atender duas das principais esposas do Grande Khan que haviam ficado doentes. Para uma delas, o monge Sergius preparou uma bebida à base de ruibarbo na qual, em um estranho ritual, imergiu um crucifixo de madeira. Rubruck sugeriu, então, ao monge, que acrescentasse água benta:

[...] que se usa na Igreja romana, que tem grande poder de expulsar os maus espíritos. Ele achou bom, e a seu pedido fizemos água benta, que ele misturou com a sua de ruibarbo, na qual ele havia imergido o seu crucifixo a noite inteira. Eu lhe disse além disso que se ele fosse padre ordenado, a ordenação tinha grande poder contra os demônios. Ele me respondeu que o era de verdade, mas ele mentia pois não tinha ordenamento algum. Ele não sabia de nada, e não era, como eu soube mais tarde, mais do que um simples tecelão na sua terra, por onde passei no meu caminho de retorno.³⁶

Nesse trecho, Rubruck demonstra seu descontentamento com as práticas dos cristãos na corte de Möngke, mas na verdade se associa a elas, apesar da desconfiança inclusive sobre a veracidade do ordenamento dos padres. Ele prossegue relatando que na manhã seguinte foi visitar a enferma na companhia do monge armênio e de dois padres nestorianos, levando a poção de ruibarbo e água benta. Aproveitou aquela oportunidade, então, para ler a Paixão de Cristo durante a visita. Rubruck segue criticando os nestorianos e alega que eles não se preocupavam em ler os textos sagrados, não se esforçando também para batizar os mongóis. Sobre a atitude deles junto à mulher do Khan, escreve: “Estes pobres miseráveis padres [nestorianos] jamais lhe tinham ensinado a nossa crença e nem mesmo tinham falado em batizá-la”.³⁷

Parece bem evidente, a partir da leitura do texto de Rubruck, que os nestorianos e mesmo os cristãos de outros ritos não estavam preocupados com a catequese e provavelmente tinham consciência de que dificilmente conseguiriam evangelizar os mongóis. Mostravam-se satisfeitos em poder viver num meio de to-

³⁶ “[...] dont on use dans l’Église romaine, qui a une grande vertu pour chasser les mauvais esprits. Il le trouva bon, et à sa requête nous fimes de cette eau bénite, qu’il mêla avec la sienne de rhubarbe où avait trempé son crucifix toute la nuit. Je lui dis de plus que s’il était prêtre, l’ordre de prêtrise avait grand pouvoir contre les démons. Il me répondit que vraiment il l’était, mais il mentait: car il n’avait aucun ordre. Il ne savait rien, et n’était, comme j’appri depuis, qu’un pauvre tisserand en son pays, par où je passais en me retournant”. *Ibidem*, p. 105.

³⁷ “Ces pauvres misérables prêtres ne lui avaient jamais rien appris de notre créance, ne lui avaient pas parlé même de se faire baptiser.” *Ibidem*, p. 106

lerância religiosa, atuando como “funcionários” encarregados não apenas da burocracia, mas também de “atividades espirituais”, que eram os serviços prestados e compartilhados com representantes de outras religiões. É bem possível que, tendo sido excluídos da Igreja romana (o que era principalmente o caso dos nestorianos), os cristãos de rito oriental julgassem muito atraente a oportunidade de viver nas regiões dominadas pelos mongóis, exercendo com total liberdade sua religião.

Há também, no relato do enviado de Luís IX, referências que remetem a uma realidade muito comum na época, na Ásia Central, que era a da rivalidade entre cristãos e muçulmanos, mas uma rivalidade que se desenvolvia dentro de razoáveis parâmetros de convivência. Alguns anos mais tarde, Rashid al-Din, vizir muçulmano da corte persa dos Il-khanidas mongóis, escreveria longamente sobre a presença do Islã junto aos khans, lembrando que Begi Sorghaghtani, mãe de Möngke, de Kubilai e de Hülegü (o fundador da dinastia Il-Khanida que reinará no Irã) era ela mesma uma cristã nestoriana que demonstrava grande respeito pelos muçulmanos.³⁸

Após longa temporada na corte do Grande Khan, já tinha ficado claro que Rubruck não se tornaria mais um membro daquela comunidade. Möngke teria então perguntado ao frade qual o objetivo de sua estadia entre eles, ao que ele respondeu que era o dever de sua religião “pregar o Evangelho através do mundo todo.”³⁹ Acrescentou, também, que outra motivação para a sua viagem tinha sido o fato do rei Luís de França ter ouvido falar que o Khan Sartak, encontrado na primeira etapa do percurso, havia se convertido ao cristianismo. Por essa razão, Rubruck, na passagem pelo khanato de Sartak, lhe entregara cartas do monarca francês saudando-o com muita satisfação.⁴⁰

O franciscano deixa sempre bem clara sua condição de missionário e o seu interesse maior, que era o de converter os mongóis. No entanto, em seu relato, não transparece que tenha se envolvido em um grande esforço de evangelização. É certo que criticou duramente as atitudes dos outros religiosos cristãos, acusando-os

³⁸ Os mongóis que tomaram a Pérsia e fundaram o Il-khanato converteram-se ao Islã no final do século XIII. RASHID al-Din. *The successors of Genghis Khan*. (Trad. de J. A. Boyle) New York: Columbia University Press, 1971, p. 199-200. Begi (ou Beki) Sorghaghtani era uma princesa da tribo Kereit e uma das mulheres de Tolui, filho de Gengis Khan. Foi uma das figuras femininas mais destacadas entre os mongóis não apenas por ter gerado filhos que se tornaram khans de grande importância, mas por ter sido ela mesma uma grande incentivadora do intercâmbio entre culturas.

³⁹ RUBRUQUIS, Guillaume, *op. cit.*, p. 125.

⁴⁰ *Ibibem*.

de pouco interesse em difundir a fé cristã e de compactuar com os “adivinhos” mongóis, mas, na verdade, ele mesmo participou de atividades que incluíam todo o tipo de religiosidade presente na corte de Möngke.

O Grande Khan, após explicações desse teor, decidiu que o melhor seria que Rubruck retornasse à Europa. Em seu relato, o franciscano deixa transparecer que não era do interesse de Güyük mantê-lo por mais tempo na corte embora ele próprio ainda pensasse na possibilidade de conversão dos mongóis. Talvez fosse pertinente, então, colocar a seguinte questão: os cristãos nestorianos, insistentemente criticados por Rubruck, não teriam utilizado sua proximidade e influência junto ao soberano para recomendar que o frade fosse enviado de volta à Europa? Na documentação disponível, não há nenhuma referência explícita ao assunto, mas, de qualquer maneira, é possível que sua presença não fosse vista com bons olhos pelos religiosos das mais diversas filiações que atuavam na horda com total apoio do Grande Khan.

Como era costume, Möngke entrega a Rubruck uma carta destinada a Luís IX, na qual reafirma a liderança mongol, explicitando que Deus havia enviado suas ordens para aquele que havia sido seu representante na terra, Gengis Khan.⁴¹ Não muito diferente, portanto, da afirmação da potência mongol feita a Giovanni di Pian di Carpine pelo Grande Khan Ögödei.

Conclusão

Tanto a obra de Giovanni di Pian di Carpine quanto a de Guilherme de Rubruck são documentos da maior importância para o conhecimento dos povos das estepes asiáticas, não apenas dos mongóis, mas também das tribos por eles conquistadas e integradas em sua sociedade.

A diferença de objetivos entre os dois viajantes diz respeito ao momento no qual cada um teve sua experiência de contato com os khanatos. Quando Pian di Carpine partiu, em 1248, ainda era temida a possibilidade de invasões e saques que pudessem se estender até o ocidente europeu, mas, em 1253, quando Rubruck deixou o Levante para iniciar sua viagem, Luís IX estava mais preocupado com a perda dos estados latinos na chamada Terra Santa, com a conversão do “infiéis” e com a busca de um possível aliado na Ásia para continuar lutando contra os muçulmanos.

⁴¹ *Ibidem*, p. 137-138.

Möngke morreu um ano após a partida de Rubruck, sendo sucedido por Kublai. Toda a organização do império mongol entrou, então, numa fase de grande transformação. A capital foi transferida de Karakorum para Khanbalik (cidade do Khan), atual Pequim, o que implicou também em um alto grau de sedentarização das diversas tribos, que se beneficiaram da bem estruturada burocracia chinesa. Os conquistadores adotaram, em muitos aspectos, as formas de administração dos conquistados, o que não era incomum na Ásia. Novos viajantes ocidentais continuaram chegando às terras dos khans. Entre eles, não apenas o conhecido Marco Polo, mas vários outros, como Giovanni di Montecorvino, o primeiro arcebispo da Igreja latina no Oriente e Odorico de Pordenone, cuja viagem através da Ásia durou cerca de dez anos. A partir de 1271, os mongóis fundaram uma nova dinastia, a dos Yüan, e seu controle sobre o milenar império chinês perdurou até o ano de 1378.